

"ADEUS À RAZÃO" OU CONSTRUÇÃO DE UMA "NOVA RACIONALIDADE"? - O CONHECIMENTO CIENTÍFICO ENTRE FEYERABEND E LAKATOS

REGNER, ANNA CAROLINA KREBS PEREIRA

97ST0332

XXI Encontro Anual da ANPOCS

É um traço distintivo de recentes análises do conhecimento científico a função substantiva atribuída à história das ciências para a compreensão da sua natureza e desenvolvimento. A discussão a ser aí perseguida funda-se no enfoque das relações entre a história e a filosofia da ciência nas novas análises do conhecimento científico. De um lado, a história das ciências deixa de ser um recurso meramente ilustrativo e passa a ter um sentido propriamente epistemológico. De outro, não se trata de uma busca ingênua do referencial histórico, que o supusesse erigido independentemente dos condicionantes impostos pela interrogação do epistemólogo. Trata-se de uma história que instrui em sendo instruída - seja na condição de uma "reconstrução racional", como o diz Lakatos, seja na de uma "estória contada", como o contrapõe Feyerabend, dando lugar a novos enfoques de distinções epistemológicas tradicionais e, mesmo, da racionalidade científica. Tendo em vista a exploração de tais perspectivas, examinarei os dois referenciais ora mencionados - Paul Feyerabend e Imre Lakatos -, buscando confrontar a postura de um "adeus à razão" do primeiro com a de construção de uma "nova racionalidade" do segundo. Em ambos, não se trata de "complementar" uma "filosofia" da ciência com uma "história" da ciência e vice-versa, para se ter uma visão da ciência em sua integridade. Vale a paráfrase de Kant(1) feita por Lakatos: "A Filosofia da ciência sem a história da ciência é vazia; a História da ciência sem a filosofia da ciência é cega" (Lakatos, 1987a : p.11). Assim, há um mútuo remetimento da "história" e da "filosofia" da ciência, ao qual Feyerabend se refere em termos da necessária combinação do argumento abstrato com o malho da história: "O argumento abstrato é imprescindível porque imprime sentido à nossa reflexão. A história, entretanto, é também imprescindível, ao menos no atual estágio da filosofia, porque dá força a nossos argumentos" (Feyerabend, 1977 : p.244).

Contudo, desde esse ponto de arranque, as análises de Lakatos e Feyerabend assumem trajetórias diversas, ainda que por vezes exibam aspectos bastante similares, a partir de uma visão contextualizadora da compreensão da "ciência", da distintividade do seu saber e do seu fazer, enfim, do que se costuma chamar de seu "padrão de racionalidade". Mas, enquanto Feyerabend explicitamente propõe-se a atacar uma posição racionalista (Feyerabend, 1977), Lakatos propõe-se a substituir a versão ingênua do racionalismo crítico popperiano por uma sofisticada (Lakatos, 1979) e, assim, coloca-se numa trilha racionalista, ainda que de "princípios de racionalidade radicalmente diferentes" (Lakatos, 1979 : p.139). Para o exame a que me proponho, minha exposição constará de três partes: 1. A proposta "racionalista" de Lakatos; 2. A crítica de Feyerabend ao "racionalismo" e 3. Nos porões da racionalidade.

1. A proposta "racionalista" de Lakatos

Lakatos vê sua proposta na trilha do racionalismo popperiano, substituindo o problema dos fundamentos pelo do crescimento crítico-falível do conhecimento científico (Lakatos, 1979) e avaliando as teorias pelo seu conteúdo objetivo (Lakatos, 1979), ao invés de ater-se a questões subjetivas, de natureza sócio-psicológica (Lakatos, 1979 e 1987a). Propõe a metodologia dos programas de pesquisa como demarcadora de sua visão do que seja ciência e culminância de um processo de sucessivas teorias corrigidas da racionalidade - justificacionista (conhecimento científico como conhecimento "provado"), neo-justificacionista (conhecimento científico como conhecimento provável) e falseacionista (conhecimento científico como conhecimento falseável) - com seus modelos de conhecimento científico, corporificados em quesitos metodológicos e encerrando códigos de honestidade científica (Lakatos, 1979 e 1987a). Vê sua posição como uma crítica ao falseacionismo ingênuo presente em Popper, mostrando que o ideal de um conhecimento "conclusivamente refutável", tendo a refutabilidade por critério de cientificidade, também se revela insustentável. Questiona as distinções em que se apoia, tal como "observacional/teórico", sua doutrina da prova observacional ou experimental, supondo que proposições "derivem-se" de fatos, e sua visão simplista do processo de falseamento, dado que (1) todas as explicações supõem um fundo "não-problemático", não

discutido e determinado por "teorias interpretativas", fornecedoras da evidência para as "teorias explicativas"), (2) é impossível testar severamente a cláusula *ceteris paribus* e (3) um processo de apelação, em que seja questionado o "fundo não-problemático" é lógica e empiricamente legítimo (Lakatos, 1979). Preservando esses questionáveis pontos, o falseacionismo ingênuo abriga uma carga de convencionalismo nas suas decisões metodológicas que Lakatos pensa poder ser reduzida, mesmo que não possam ser eliminadas convenções quanto à "base empírica", melhorando-as, ao tornar todos os enunciados problemáticos, trazendo-os à controvérsia racional, a um exame das razões para sua adoção.(2)

As decisões metodológicas do falseacionismo ingênuo não passam pelo teste da história das ciências - "falseamentos célebres", ou se revelam claramente irracionais, ou se apóiam em princípios de racionalidade radicalmente diferentes (Lakatos, 1979). Optando pela segunda alternativa, Lakatos defende a idéia de uma racionalidade não instantânea, historicamente (re)construída, revelada em sua metodologia dos programas de pesquisa como um falseacionismo metodológico sofisticado, que considera o caráter histórico e complexo do falseamento e a possibilidade da ciência crescer sem refutações. Seus critérios de "cientificidade" referem-se antes a séries de teorias estruturadas num programa, dotado de um núcleo, que inclui o componente metafísico, a idéia diretora e "irrefutável" que o caracteriza e move, desenvolvido através de suas heurísticas positiva e negativa. A heurística negativa estabelece que caminhos devem ser evitados, visando a preservação do núcleo, pela construção de um "cinto de proteção", com a articulação e/ou invenção de hipóteses auxiliares, a ele redirecionando o *modus tollens*, procedendo a ajustes ou à sua substituição total. A heurística positiva diz respeito à política de pesquisa a ser seguida, sugerindo como modificar e sofisticar o "cinto" refutável, incluindo a construção e complexificação de uma "cadeia de modelos" sucessivos, sendo esperada e antecipada a existência de "refutações", bem como a estratégia para digerí-las. São as "verificações" (e, não, as "refutações") que mantêm o programa, a ser avaliado em função da transferência progressiva de problemas. À luz desse critério, uma série de teorias é progressiva, quando teórica e empiricamente progressiva; teoricamente progressiva, quando cada nova teoria tem algum excesso de conteúdo empírico (prediz fatos novos, em relação à sua predecessora); empiricamente progressiva, quando parte do conteúdo empírico for corroborado; degenerativa, quando não for progressiva. A aceitabilidade de um programa requer que exiba, pelo menos, transferência teoricamente progressiva de problemas. Programas são rejeitados por outros programas, com os quais competem, em vista de sua força heurística - capacidade para produzir fatos novos, explicar refutações no decorrer do crescimento e, quando possível, estimular a matemática (Lakatos, 1979).

Tais avaliações, entretanto, não são instantâneas, nem de aplicação mecânica.(3) Tanto a novidade de uma proposição fatural como seu caráter "corroborador" e/ou "falseador" são sempre retrospectivas e a evidência contrária a uma teoria será sempre corroboradora de outra. Programas podem superar fases degenerativas - a guerra só está perdida para um programa se, após um esforço sustentado, não se verifica reabilitação. A engenhosidade humana e a legitimidade de um "processo de apelação" podem reverter a sua condição. Assim, o código de honestidade científica estabelecido pela metodologia dos programas de pesquisa de Lakatos recomenda a modéstia: "nem a prova de inconsistência por parte do lógico, nem o veredito de anomalia por parte do cientista experimental podem anular um programa de pesquisa de um só golpe, (...) as razões das partes rivais devem ser lembradas sempre e publicamente expostas" (Lakatos, 1987a : p.30).

Aplicando os critérios de avaliação propostos pela metodologia dos programas de pesquisa a um nível meta-metodológico, Lakatos ressalta a superioridade da sua teoria da racionalidade. Identifica as reconstruções viabilizadas pelas diferentes metodologias ou teorias da racionalidade (justificacionistas, indutivistas, convencionalistas, falseacionistas) com a "história interna" de um programa de pesquisa, referente à esfera normativa, lógico-epistemológica, de razões objetivas, lógicas e empíricas, para a proposta, desenvolvimento, aperfeiçoamento, correção ou abandono de modelos explicativos. A "história externa" pertence à esfera empírica (não-normativa), sócio-psicológica. Privilegia a "história interna" como a que oferece uma explicação racional do desenvolvimento do conhecimento objetivo (1987 : p.11), embora seja parte da racionalidade de sua própria teoria que: não se deva ou possa explicar toda a história como racional, pois "a história da ciência é sempre mais rica do que sua reconstrução racional" (Lakatos, 1987 : p.38); a história interna não seja, "exatamente, uma seleção de fatos metodologicamente interpretados: pode ser, em certas ocasiões, uma versão radicalmente modificada dos mesmos" (Lakatos, 1987 : p.40); a história interna deva ser complementada com a história externa.(4) Assim, sua história interna revela os condicionantes normativos de sua visão de ciência em termos de metodologia dos programas de pesquisa e provê um critério para avaliação

das diferentes teorias da racionalidade científica. Atendida a regra meta-metodológica de que uma teoria da racionalidade científica deverá concordar com os "juízos de valor básicos da elite científica"(5), as diferentes teorias da racionalidade, com seus diferentes "códigos de honra" (dos procedimentos aceitáveis e dos inaceitáveis) poderão ser criticamente comparadas, à luz das reconstruções racionais da ciência a que dão lugar (Lakatos, 1987a, p.45-46). Pois essas reconstruções são fruto das diferentes demarcações que estabelecem entre o normativo-interno (esfera lógico-epistemológica), em cujos termos o historiador reconstrói a história interna, omitindo "tudo o que seja irracional à luz de sua teoria da racionalidade" (Lakatos, 1987 : p.40), e o empírico-externo (esfera sócio-psicológica), buscando trazer esse último a um crescente escopo de racionalidade, vale dizer, de história interna. Ou seja, busca racionalizar ao máximo a história das ciências. Segundo Lakatos, sua metodologia dos programas de pesquisa satisfaz o requisito de um programa de investigação historiográfica "progressivo", com a crescente descoberta de fatos históricos novos, ampliando a racionalidade da história da ciência,(6) mostrando como perfeitamente racionais desenvolvimentos tidos como irracionais até pela teoria de Popper.(7) Certamente, persistem anomalias nas suas reconstruções (Lakatos, 1987a : p.62, p.65, p.31 e p.40). A metodologia que propõe traz uma nova racionalidade, divergindo tanto dos que supõem "que os standards científicos gerais são imutáveis e que a razão pode descobri-los a priori, como daqueles que pensam que a luz da razão ilumina apenas casos particulares" (Lakatos,1987a : p.71).

Mas, ainda que se aceite a distinção lakatiana entre história interna e externa e sua correspondente caracterização de reconstrução racional da ciência, sua referência aos juízos básicos de valor da elite científica (com os quais devem concordar as reconstruções racionais constitutivas da história interna), enseja considerações críticas. Feyerabend, por exemplo, critica o modo como privilegia os juízos que perfazem o "saber científico geral" pós-século XVII (Feyerabend, 1977, cap.XVI). Esses juízos não seriam tão uniformes e raramente se prenderiam a boas razões. A reconstrução racional de um determinado programa refletiria antes a "ideologia profissional daquele domínio" e o exame do alegado "saber científico geral" nos termos das razões de Lakatos requereria a reconstrução da "disciplina correta" (e não de programas isoladamente), com sua peculiar ideologia profissional frente a outras, bem como com a ideologia da ciência moderna frente a da ciência aristotélica para compreendermos a "mudança" ocorrida.(8) Segundo Feyerabend, Lakatos não se ocupa com essas tarefas, que revelariam a influência de fatores ditos externos, ao ver de Lakatos (Feyerabend, 1977 : p.314). Kuhn, de sua parte, ressalta que as referências de Lakatos a "informação pública" e a "código de honra" sugerem ser a eleição de teorias antes uma atividade de valores que de regras comunitárias. E, sendo os juízos básicos de valor juízos da comunidade científica, a condição de racionalidade admitida por Lakatos parece vir ao encontro da racionalidade advogada por Kuhn e que Lakatos chama de "psicologia das multidões" (Lakatos, 1979 : p. 221; Kuhn, 1987 : p.91).

Contudo, a flexibilidade de seus padrões, permitindo abranger um amplo elenco de comportamentos, embora racionalize mais a história da ciência, revela a ausência de um critério que claramente estabeleça quando um programa deixa de ser progressivo e torna-se estagnado, quando deixa de ser racional apegar-se a ele, dado que um programa em degeneração "pode", em princípio, "sempre" recuperar-se. A resposta que Lakatos oferece tangencia o problema mas não o dirime - acusa Feyerabend e Kuhn de confundirem a avaliação metodológica de um programa com sua heurística firme. Diz:

"É perfeitamente racional jogar com risco; o que é irracional" (desonesto) "é enganar-se a si mesmo sobre tal risco.

O anterior não equivale, como poderia parecer, a uma autorização para aqueles que aderem a um programa estagnado. Pois ordinariamente podem fazê-lo apenas privadamente. Os editores de revistas científicas recusariam a publicação de seus artigos {...}. Além disto, as instituições financiadoras da investigação negariam o dinheiro" (Lakatos, 1987a : p.36).

Nessa elucidação, Lakatos deixa entrever em que medida sua metodologia abre espaço para que, "desde um ponto de vista prático", como dirá Feyerabend (1977, cap.XVI), seus padrões ganhem força coercitiva sobre o como agir do cientista, evitando que se crie aquela aparência considerada por Lakatos como "não autorizada". Parece de algum modo minimizar tal intromissão da coerção prática, dizendo não defender que aquelas decisões institucionais sejam incontrovertíveis e destacando o papel do senso comum na aplicação das regras de metodologias não-mecânicas a casos particulares. Com isso, porém, dá lugar à acusação, feita por Feyerabend, de valer-se de ambiguidades semânticas, trabalhando com distintos conceitos de racionalidade, passando do liberalismo, em princípio, da racionalidade da metodologia dos programas de pesquisa ao

conservadorismo, em princípio, da racionalidade do senso comum, sem avisar a seu leitor (Feyerabend, 1977, cap.XVI).

E, face a essas ambiguidades, como ficam distinções-chave à sua proposta, como as existentes entre história interna/história externa, objetivo/subjetivo e a alegada racionalidade da mudança científica? Sua distinção entre história interna/história externa expressa a problemática da visão de ciência que assume, sem propriamente questionar o que sejam razões ou boas razões, pretendendo, ao mesmo tempo, enfrentar as dificuldades do racionalismo clássico. Tal postura vai refletir-se em seu enfoque da distinção objetivo/subjetivo que acompanha a anterior e que é por Lakatos assumida sem discussão. O que faz com que razões lógicas e empíricas, atinentes a "conteúdos" de teorias pertençam ao primeiro termo e fatores sócio-psicológicos ao segundo? O que, a rigor, os distingue, de sorte que ao primeiro cabe associar a racionalidade e, não, ao segundo? O que faz do primeiro, e não do segundo, fonte de respostas legítimas à questão: por que foi esta teoria aceita (ou rejeitada)? Critérios tais como "consistência lógica", "graus de corroboração", teriam o caráter de boas razões, se não fossem assim valorizados por indivíduos, comunidades e se não tivessem "eficácia material", a usar uma expressão de Feyerabend (1977, cap. I e 1987, *Ciência como arte*), em seu comportamento?

2. A crítica de Feyerabend ao "racionalismo"

Em sua crítica, Feyerabend identifica o racionalismo com uma tradição que nasceu na Grécia e inicialmente "substituiu os conceitos ricos e dependentes da situação, próprios da épica primitiva, por umas poucas idéias abstratas e independentes da situação", gerando, numa segunda etapa, "estórias especiais, logo chamadas de 'provas' ou 'argumentos', cuja trama não é imposta aos caracteres principais, mas 'segue-se de' sua natureza." Desenvolveu-se, assim, igualmente, a idéia de que "são as próprias coisas que produzem a estória e a dizem 'objetivamente', isto é, independentemente das opiniões e das compulsões históricas." A pressão conjunta destes dois desenvolvimentos afiançou "o critério de que o conhecimento é único - de que existe apenas uma estória aceitável: a 'verdade' - abstrato, independente da situação ('objetivo') e baseado em argumento" (Feyerabend, 1987 : p.9). Endereça sua crítica, em especial, ao desenvolvimento mais recente dessa tradição, ao racionalismo crítico de Popper, estendendo-a ao racionalismo de Lakatos, na sua versão conservadora. Sob esse enfoque, podemos entender a razão criticada por Feyerabend como a faculdade pela qual os padrões de tal tradição se exercem, traduzindo-se em obediência a regras fixas e a padrões imutáveis, estabelecendo e submetendo-se a algo como "o" método, concentrado nas seguintes regras: 1. Só aceitar hipóteses que se ajustem a teorias confirmadas ou corroboradas e 2. Eliminar hipóteses que não se ajustem a fatos bem estabelecidos, expressando, segundo Feyerabend, a "essência do empirismo" e do indutivismo (Feyerabend, 1977, caps.I e II).

Ao criticar a eficácia de tais regras, Feyerabend posiciona-se como um anarquista epistemológico, (9) em defesa de uma "metodologia pluralista". Pois, diferentemente de Lakatos, não pretende fornecer uma nova metodologia ou uma nova teoria da racionalidade. Seu objetivo é convencer o leitor de que "todas as metodologias, mesmo as mais óbvias, têm limitações" (Feyerabend, 1977 : p.43), mostrando a razoabilidade, ainda que não exclusividade, da contra-indução, ou seja, das contra-regras (opostas às regras do racionalismo): 1. Introduzir hipóteses que conflitem com teorias confirmadas ou corroboradas e 2. Introduzir hipóteses que não se ajustem a fatos bem estabelecidos. Caso não possamos resistir à tentação de buscar um princípio (meta-metodológico) que seja aplicável a todas as situações (ou contextos), concede que o único seria o princípio tudo vale (Feyerabend, 1977, cap.I).

A estratégia que adota em *Contra o Método* desenvolve-se em duas frentes complementares e mutuamente remissivas. De um lado, vai ao campo do adversário e, com as armas deste, o "implode", mostrando "a irracionalidade do racionalismo, uma vez que, levadas às suas últimas consequências, as suas regras tornam-se auto-destrutivas, inviabilizam o alcance de seus objetivos e conflitam com os fundamentos que as suportam. Dada a "contaminação" histórica e fisilógica da evidência - admitida mesmo para as posições racionalistas como a de Popper e de Lakatos -, a condição de coerência encerrada na regra 1 impede a exploração da evidência, alimenta uma visão conformista e dogmática, de preservação do status quo e supõe uma autonomia da própria experiência frente à teoria, enquanto "a" medida para seu conteúdo empírico (Feyerabend, 1977, cap. III). A regra 2, por sua vez, se observada, nos deixaria sem qualquer teoria, dado o desacordo tanto quantitativo como qualitativo que toda a teoria exhibe com relação aos fatos de seu domínio.

Para avaliar tais discordâncias, bem como permitir a exploração da evidência, escavando as ideologias subjacentes (Feyerabend, 1977, cap. V), e a discussão crítica de teorias, torna-se indispensável o trabalho com alternativas teóricas conflitantes - "não podemos descobrir o mundo a partir de dentro. Há necessidade de um padrão externo de crítica: precisamos de um conjunto de pressupostos alternativos" (Feyerabend, 1977 : p.42).

De outro lado, Feyerabend mostra a "razoabilidade do irracionalismo", viabilizando o progresso da ciência, em qualquer uma das acepções que lhe seja emprestada (Feyerabend, 1977, cap.II), enquanto suas contra-regras são necessárias à exploração da evidência e discussão crítica (pretendidas pelas regras do racionalismo) e mostram-se "corroboradas" pela práxis científica, tal como pode ser visto no seu estudo de caso, sobre a defesa da doutrina copernicana e introdução de uma nova Física por Galileu (Feyerabend, 1977, caps.VI-XIII). Na óptica de Feyerabend, Galileu valeu-se de recursos e procedimentos que ferem os ditames do racionalismo crítico, a bem de neutralizar a evidência então disponível e que lhe era desfavorável e substituir os padrões sensoriais e linguístico-conceituais vigentes e o próprio conceito de experiência. Feyerabend contesta cada uma das regras metodológicas do racionalismo crítico (Feyerabend, 1977, cap.XV). Comparte as críticas de Lakatos a um princípio estrito de falseamento. Mas também critica a exigência de conteúdo crescente (excedente) ou de crescimento empírico, atribuindo sua pretensa aferição a uma ilusão epistemológica, pois "o aparato conceitual da teoria, que emerge lentamente, logo começa a definir seus próprios problemas, sendo esquecidos ou postos de lado como irrelevantes os problemas, os fatos, as observações anteriores" (1977 : p.275), ou trazidos à esfera da nova teoria através de recursos ad hoc, redefinição de termos ou simples afirmação da decorrência de seu núcleo dos novos princípios básicos.

Essa crítica traz à tona a questão da incomensurabilidade de teorias - estreitamente relacionada à questão do significado e a um modo realista de interpretar as teorias - referindo-se à sua incomparabilidade, "pelo menos na medida em que estão em jogo os padrões mais familiares de comparação", notadamente os de comparação das suas classes de consequências (Feyerabend, 1979). Arrola três teses centrais a favor da incomensurabilidade: a existência de esquemas de pensamento incomensuráveis entre si, de estágios incomensuráveis no desenvolvimento da percepção e do pensamento no indivíduo (reportando-se a Piaget), de princípios ontológicos condicionantes das ideologias subjacentes a culturas diversas que impedem, tornam sem sentido, determinados sistemas conceituais e que agem à base das cosmovisões encerradas nas nossas teorias científicas. Para se empreender sua investigação semântica, propõe que se proceda como um antropólogo ao estudar a cosmologia de uma tribo: aprende a linguagem e informa-se dos hábitos sociais básicos; investiga as relações destes com outras atividades, mesmo as que pareçam irrelevantes; procura identificar as idéias-chave e, então, entendê-las, interiorizando-as, sem buscar "traduções" prematuras (10); completado seu estudo com o conhecimento da sociedade nativa e de seu próprio desenvolvimento pessoal, pode estabelecer comparações entre, por exemplo, o modo de pensar europeu e o nativo e decidir acerca da possibilidade ou não de reproduzi-lo na linguagem ocidental (Feyerabend, 1977, cap. XVII). A mera diferença conceitual não é suficiente para tornar duas teorias incomensuráveis; para que isso ocorra, o uso de qualquer conceito de uma deve tornar inaplicáveis os conceitos da outra - o que tem lugar quando estão em jogo teorias compreensivas, que abrigam diferentes fundamentos ontológicos: "Afinal, supõe-se que uma teoria abrangente envolva também uma ontologia com o propósito de delimitar o que existe e assim delimitar o âmbito dos fatos possíveis e possíveis interrogações" (Feyerabend, 1977 : p.276).

Na sua crítica a Lakatos, Feyerabend concorda com a versão mais liberal do seu racionalismo, com sua crítica ao falseacionismo popperiano, com sua percepção da distância existente entre as "imagens" da ciência e a "coisa mesma", com sua sugestão para que seja concedido um "espaço livre" ao desenvolvimento das novas teorias antes de julgá-las e, em especial, com o papel crítico atribuído à história da ciência quanto à avaliação dos padrões metodológicos. Todavia, discorda do privilégio que Lakatos concede à ciência moderna como base para os padrões de avaliação do desenvolvimento de programas e do comportamento dos cientistas em sua adesão ou rejeição aos mesmos. Enquanto os padrões lakatosianos não determinam ao cientista como proceder, auxiliando-o, apenas, na avaliação da situação histórica em que toma decisões, podendo ser racional ou não apegar-se dogmaticamente a um programa estagnado, diz Feyerabend que "qualquer opção do cientista será racional, porque é compatível com os padrões" (Feyerabend, 1977 : p.290). Nessa medida, sendo racional, segundo seus próprios padrões de racionalidade, a posição de Lakatos é um anarquismo disfarçado. Contudo, recebe a força das pressões das instituições divulgadoras e financiadoras da pesquisa e busca suporte noutras teorias da racionalidade, cujos padrões conduzem a um conservadorismo. Desse modo, desde um ponto de vista prático, seu racionalismo dá lugar ao estabelecimento de padrões conservadores,

fixos e regulares. Nessa medida, o racionalismo de Lakatos afasta-se daquela sua intrínseca racionalidade liberal e diverge do anarquismo. Porém, Feyerabend conclui que, pelo modo como Lakatos a apresenta, sua metodologia exerce uma influência liberalizante sobre o leitor e, em relação à teoria tradicional do conhecimento, exibe um aperfeiçoamento sensível:

"Cabe mesmo admitir que, no presente estágio de consciência filosófica, uma teoria irracional, falsamente interpretada como versão nova da Razão, será instrumento melhor para a libertação do espírito do que um anarquismo irrestrito, suscetível de paralisar quase todos os cérebros" (Feyerabend, 1977 : p.319).

No bojo dos novos questionamentos que colocam e nutridas pela detalhada análise que faz da questão da incomensurabilidade, estão as reflexões de Feyerabend acerca das relações entre subjetividade e objetividade, ciência e outras "gerais, coerentes e frutíferas concepções de mundo", ciência e sociedade, repercutindo na sua visão acerca da própria racionalidade. Quanto ao primeiro ponto, Feyerabend critica o desiderato de objetividade do racionalismo, de algum modo centrado na "tradicional" identificação da objetividade com o que seja racional, abstrato, independente da situação (de opiniões e compulsões históricas), produzido pelas próprias coisas. Diz (1981, nota 17, p.238) que nenhum dos autores que defendem standards "objetivos" explicam o que esta palavra significa. Os popperianos, segundo Feyerabend, ocasionalmente conectam objetividade com verdade e chamam de "objetivas" as comparações entre teorias apenas se baseadas numa comparação do conteúdo de verdade. Chamam os standards remanescentes de "subjetivos" e esta é a razão pela qual Feyerabend assim se refere a tais standards. Há comparação, mesmo comparação objetiva, afirma Feyerabend (1981, p.238), mas essa comparação é um procedimento muito mais complexo e delicado do que os racionalistas supõem. Sua posição é a de que "há muitas e complexas interações entre 'sujeito' e 'objeto' e muitas maneiras pelas quais um desemboca no outro" (Feyerabend, 1981 : p.2; 1977, p.71).

Quanto ao segundo ponto, Feyerabend diz : "Há mitos, há dogmas da teologia, há metafísica e há muitas outras maneiras de elaborar uma cosmovisão" (1977 : p.279). As similaridades entre a estrutura, processo de elaboração e dinâmica da função explicativa do mito e da ciência são surpreendentes (Feyerabend, 1977, cap.XVIII). Segundo sua avaliação, não apenas considerações de ordem especulativa, mas prática, face à repressão a outras maneiras de elaborar cosmovisões que coincide com o surgimento da ciência moderna, ensejam que hoje questionemos as relações entre Estado e ciência. A ciência possui uma ideologia própria e a impõe a seus adeptos - o que lhe cabe fazer; mas não deve ter prerrogativas maiores que as concedidas a outras ideologias num Estado democrático. A razão do tratamento especial que a ciência recebe deve-se ao "conto de fadas" de que a ciência não é mera ideologia, mas medida objetiva de todas as ideologias (1977, cap.XVIII). A desmistificação desse conto revela o caráter democrático da ciência na sua dinâmica interna, apesar de seu ocultamento na sua apresentação ao público maior, alegando então os cientistas que só os fatos, a lógica, a metodologia decidem.

E, assim, chegamos ao terceiro ponto: o desvelamento da ciência, expondo-a em seus mecanismos irracionais, à luz das regras do racionalismo, acaba sendo o meio pelo qual qualquer decisão pela ciência seja muito mais racional, calcada na visão esclarecida e sopesada de razões, do que tem sido. Conclui Feyerabend seu *Contra o Método* dizendo: "a racionalidade de nossas crenças se verá consideravelmente acentuada" (p.466). O que nos leva a indagar se, à base das reflexões que animam sua análise da ciência, não se encontra o questionamento das relações entre razão e anti-razão, deixando aberta a porta para pensá-las em termos de uma nova racionalidade, com novos questionamentos e parâmetros de análise. Tal abertura, sinalizando para a visão de uma racionalidade contextualizada, vem ao encontro de revisões que faz em sua postura, na edição de *Against Method* de 1993. Assim ocorre com a posição defendida ao final da Introdução da edição de 1975, quando diz que poderá vir um tempo em que seja necessário dar à razão uma vantagem temporária sobre a metodologia anárquica, mas que não pensava que estivéssemos vivendo esse tempo. Em 1993, assim escreve Feyerabend:

Esta era a minha opinião em 1970, quando escrevi a primeira versão deste ensaio. Os tempos mudaram. Considerando algumas tendências na educação dos Estados Unidos (politicamente correto, menus acadêmicos, etc.), em filosofia (pós-modernismo) e o mundo em geral, penso que se deva dar à razão, agora, um peso maior, não porque ela seja e sempre tenha sido fundamental, mas porque isso parece ser necessário, dadas circunstâncias que ocorrem bem frequentemente hoje (mas que podem desaparecer amanhã), para criar uma abordagem mais humana. (Feyerabend, 1993 : p. 13, n12)

Em 1993, Feyerabend discute em maior detalhe a questão da racionalidade, adentrando-se por uma porta que parece ter deixado, anteriormente, timidamente entreaberta, e diz ser possível avaliar padrões de racionalidade e aperfeiçoá-los. Mas já na edição de 1988 o caminho parece claramente aberto. Dedicou um capítulo (18) ao exame da possibilidade de avaliar modelos de racionalidade e melhorá-los, sem que os princípios de melhoria se encontrem acima da tradição ou para além da mudança, onde esclarece sua posição:

Um anarquista ingênuo diz: a) que tanto as regras absolutas como as regras dependentes do contexto têm seus limites e conclui b) que todas as regras são inúteis e devem ser postas de lado. ... embora concorde com a), não concordo com b). Sustento que todas as regras têm os seus limites e que não existe uma racionalidade englobante. Não sustento que devamos proceder sem regras nem critérios (Feyerabend, 1993a, p.314).

Em 1993, chama também a atenção para mal-entendidos simplistas de suas idéias, como a que concerne a seu alegado relativismo:

... filosofias simples, sejam de um tipo dogmático ou mais liberal, têm seus limites. Não há soluções gerais. Um alargado liberalismo na definição de fato pode ter graves consequências, enquanto faz um excelente sentido a idéia de que a verdade é ocultada e mesmo pervertida pelos processos destinados a estabelecê-la. Eu, conseqüentemente, novamente alerto o leitor quanto a que não tenho a intenção de substituir princípios velhos e dogmáticos por outros novos e mais libertários. Por exemplo, não sou nem um populista para quem o apelo ao povo é a base de todo o conhecimento, nem um relativista para quem não há verdades enquanto tais, mas apenas verdades para este ou aquele grupo e / ou indivíduo. Tudo o que digo é que os não-especialistas frequentemente sabem mais que os especialistas e devem, conseqüentemente, ser consultados, e que os profetas da verdade (incluindo aqueles que fazem uso de argumentos), mais frequente que raramente, são levados por uma visão que colide com os próprios eventos que essa visão deve explorar (Feyerabend, 1993 : p.XIII).

3. Nos porões da racionalidade

Penetrando-se nas análises da ciência propostas por Lakatos e Feyerabend, o que se revela em jogo é o lastro mesmo dessas visões e de todas as outras que compõem o real-imaginário de nossa cultura, o jogo da nossa racionalidade. A essa questão dirigem-se as diferentes análises da "ciência". Divergências e convergências, o ponto dessas recai na escolha do referencial de análise, na "visão" de ciência orientadora - discussão a ser sempre retomada, a não recair nos vícios de uma postura dogmática. E, em que pesem as divergências iniciais, parece surgir um ponto de consenso a diferentes visões - quão sólido ou promissor é prematuro dizer - na idéia de uma racionalidade contextualizada.

Apesar de sua crítica contundente ao racionalismo, Feyerabend faz-nos suspeitar que esta tradição, com sua teoria estática da racionalidade, não conta toda a estória relevante a respeito dessa racionalidade. Sua análise revelou que o racionalismo demanda, a serem satisfeitas suas exigências, procedimentos irracionais. De outro lado, em sua defesa do irracionalismo, Feyerabend empenha-se em mostrar sua razoabilidade. Onde estão as fronteiras entre "racional" e "irracional"? Trazendo para seu anarquismo epistemológico as palavras de Hans Richter sobre o dadaísmo, cita Feyerabend: "A compreensão que razão e anti-razão, sentido e sem sentido, intenção e acaso, consciência e não-consciência [e, acrescentaria eu, humanitarismo e anti-humanitarismo] são, em conjunto, partes necessárias de um todo {...}" (Feyerabend, 1977 : p.294). Que razão seria esta, parceira de sentido, intenção, consciência, humanitarismo e de anti-razão e seus associados? Não deve ser aquela da tradição de uma "estória única" - e se o fosse, seria essencialmente modificada por suas novas relações. Lakatos, por sua vez, claramente advoga, para a salvação de uma posição racionalista, uma nova visão de racionalidade, precedida por uma crítica explícita a seu enfoque clássico. Está, pois, em jogo, uma crítica e uma defesa do racionalismo que afasta a questão de um enfoque monolítico e admite diferentes teorias da racionalidade, permitindo-nos supor a visão de uma racionalidade contextualizada como objeto de exame.

Ao esclarecimento de uma racionalidade contextualizada ou da possibilidade de uma nova racionalidade, a "história das ciências" e o modo de concebê-la torna-se essencial. Os princípios de Lakatos, expressos em

seus padrões metodológicos, devem, segundo sua própria exigência, mostrar-se efetivos na história da ciência. Essa história é, a seu ver, a história interna, construída segundo as normas lógicas e epistemológicas daquela razão que Feyerabend talvez chamasse de "abstrata" (das "idéias abstratas", "provas", "argumentos"). Todavia, ao ser construída, o é com o material (a história) que o próprio Lakatos admite não ser plenamente redutível ao que estamos agora chamando de "abstrações". Essa condição faz com que não só a história receba a orientação filosófica, mas traga-lhe algo, força, conteúdos (esses sendo razões caras a Lakatos!). A abrangência dessa história, excedendo os limites da história interna de Lakatos, protege, igualmente, a sua proposta de um "falseamento", explicando, devido àquela irredutibilidade, a presença de "anomalias". Há, pois, uma mútua contribuição do material histórico e da reflexão filosófica (como também prega Feyerabend), fazendo da racionalidade lakatiana uma racionalidade concretizada, uma universalidade que se particulariza e assim exerce sua função explicativa. Não estariam, pois, os fatores "situacionais" penetrando na racionalidade lakatiana? Se isso ocorresse, estaríamos na direção de uma racionalidade possível (e desejável) na perspectiva de Feyerabend.

De modo mais incisivo, porém, essa possibilidade coloca-se quando revelam-se escorregadias as distinções que Lakatos estabelece entre esfera objetiva, da história interna, do elenco de razões a dar conta do crescimento e da mudança científica, e esfera subjetiva, da história externa, do contingente irracional. Em sua própria análise, encontra-se, não consentida, a abertura a uma interpenetração dessas esferas para a própria consecução da racionalidade pretendida. A flexibilidade de seus padrões traz, em seu bojo, a possibilidade de um novo elenco de razões, que daria vazão à racionalidade exibida na condição de uma racionalidade historicamente construída, fundada numa imaginação criativa, irredutível a uma aplicação mecânica de regras e suscetível, nas decisões "práticas" que a corporificam, a fatores que Lakatos, no seu lado mais "tradicional", insiste em excluir daquele elenco. Há razões objetivas que legitimam o obstinado empenho em buscar novas evidências corroboradoras que recuperem um programa em degeneração. Como, então, dar conta do modelo ou do programa historicamente realizado - "o modelo realmente realizado depende apenas do acidente histórico" (Lakatos, 1987 : p.186) -, da racionalidade de decidir se já foi dado (ou não) tempo suficiente para a recuperação de um programa em degeneração, sem a determinação de "outras" razões a serem buscadas no âmbito que Lakatos atribui à história externa, ao irracional? Por que não trazer, ao campo das decisões que perfazem o "programa reconstruído", as "obstinações" que o moveram, buscando a história dita externa não apenas como complementação, mas como encerrando condições igualmente determinantes da racionalidade científica?

A "racionalidade" advogada por Lakatos abre-se a uma nova conceituação, esperando-se, assim, a abertura a novos critérios para o que sejam as "razões" a pautar o desenvolvimento da ciência. Lakatos, porém, não persegue a nova trilha e, assim procedendo, expõe-se à crítica de Feyerabend (1977 : p.316): "Com efeito, é muito possível que uma ciência tenha uma determinada história 'interna' apenas porque sua história 'externa' encerra atos compensadores que, a cada instante, violam a metodologia que a define." Fundamentalmente, a discussão que permeia a questão da racionalidade, com ressonâncias para todas as demais, hoje coloca na mesa a questão do que sejam razões e boas razões. Enquanto faculdade, o reconhecimento da nova abertura requerida para razão vem de há muito se preparando e hoje solidamente se apresenta, ao ser atribuída a função metodológica ou mesmo meta-metodológica à imaginação criativa, caixa de agradáveis surpresas (embora tenha havido tempo em que foi responsável pelos "desastres" ou "ilusões" da razão). O ponto, então, a ser enfrentado é o do estabelecimento do que sejam razões, aqueles elementos produzidos ou arrolados para sustentar as nossas alegações, conferindo a essas legitimidade. A esse respeito, Feyerabend vai mais longe que Lakatos, se não na resposta, na colocação do desafio e disponibilidade para enfrentá-lo.

NOTAS

1. "Pensamentos sem conteúdos são vazios, intuições sem conceitos são cegas" (Kant, 1974 : p.57).
2. Lakatos acusa Popper de nunca ter oferecido uma teoria de crítica racional das convenções metodológicas consistentes (Lakatos, 1987).
3. Em uma nota de pé de página, defendendo-se de crítica que lhe é feita por Kuhn e Feyerabend, Lakatos apela à necessidade de valermos-nos do "senso comum" (isto é, de juízos de casos particulares que não se fazem segundo regras mecânicas, mas que apenas seguem princípios que deixam algum Spielraum)" para aplicação das regras (Lakatos, 1987a : p.36-37, nota 58).

4. Kuhn (1987) alega que os critérios de Lakatos violentam o uso geral, restringindo a história interna a apenas uma parte do que usualmente se compreende sob este âmbito. Lembra Kuhn que, usualmente, a história interna "centra-se primária ou exclusivamente sobre as atividades profissionais dos membros de uma comunidade científica particular" e a externa "considera as relações entre tais comunidades científicas e o resto da cultura" (1987 : p.85). Resumindo sua crítica, diz que "o que Lakatos concebe como história não é história, mas filosofia que inventa exemplos" (1987 : p.89), o filósofo só aprendendo dela o que nela previamente introduza. Hall, por sua vez (1987 : p.115), critica a visualização de uma linha divisória suficientemente precisa entre história da ciência interna e externa.

5. Lakatos admite que o código universal de leis do filósofo possa contradizer a autoridade da elite científica na aplicação de seus juízos em situações tais como a de uma tradição que se encontre estagnada ou de formação de uma tradição inaceitável (Lakatos, 1987a : p.71).

6. Diz: "Onde KUHN e FEYERABEND vêem mudanças irracionais, eu predigo que o historiador poderá provar que houve mudança racional" (Lakatos, 1987a : p.64).

7. Por exemplo, permite ver como "racional" a manutenção e elaboração ulterior da teoria gravitacional de Newton depois da descoberta do periélio anômalo de Mercúrio, ou o desenvolvimento da antiga teoria quântica de Bohr baseada sobre fundamentos inconsistentes (Lakatos, 1987a : p.63-64).

8. Por exemplo, permite ver como "racional" a manutenção e elaboração ulterior da teoria gravitacional de Newton depois da descoberta do periélio anômalo de Mercúrio, ou o desenvolvimento da antiga teoria quântica de Bohr baseada sobre fundamentos inconsistentes (Lakatos, 1987a : p.63-64).

9. O anarquismo epistemológico, segundo Feyerabend, difere tanto do ceticismo quanto do anarquismo político (religioso). Ao anarquista epistemológico, não lhe é indiferente um ou outro enunciado e desejará, talvez, defender certa forma de vida combatida pelo anarquista político ou religioso, mantendo ou alterando seus objetivos e estratégias, na dependência do argumento, do tédio, de uma experiência de conversão ou de outros fatores de ordem emocional e de força persuasiva, não se recusando a examinar qualquer concepção, admitindo que, por trás do mundo tal como descrito pela ciência, possa ocultar-se uma realidade mais profunda, ou que as percepções possam ser dispostas de diferentes maneiras e que a escolha de uma particular disposição "correspondente à realidade" não será mais "racional" ou "objetiva" que outra (Feyerabend, 1977, cap.XVI).

10. Feyerabend refere-se igualmente à aprendizagem da língua materna pela criança, ou mesmo ao seu aprendizado de outras línguas, não se processando via "tradução", e pergunta-se, então, porque os adultos também não poderiam aprender ou penetrar em novas teorias científicas sem supor sua tradução ("comensuração") com outras teorias já conhecidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Feyerabend, P. Adíós a la razón. Madrid : Tecnos, 1987.

. Against Method. London, New York: Verso, 1993.

. Consolando o especialista. In: Lakatos, I & Musgrave, A. A crítica e o desenvolvimento do conhecimento. São Paulo : Editora Cultrix/Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

. Contra o método. Rio de Janeiro : Livraria Francisco Alves Editora, 1977 (tradução da edição de 1975).

. Contra o método. Lisboa: Relógio D'Água, 1993 (tradução da edição revista de 1988).

. Philosophical Papers. volume 2. London : Cambridge University Press, 1981.

. Science in a free society. London : NLB, 1978.

Hall, R. J. Se puede utilizar la historia de la ciencia para decidir entre metodologias rivales? In: Lakatos, I & Musgrave, A. A crítica e o desenvolvimento do conhecimento. São Paulo : Editora Cultrix/Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

Kant, I. Crítica da Razão Pura (1ª edição). São Paulo : Abril Cultural, 1974.

Kuhn, T. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo ; Editora Perspectiva, 1975.

. Notas sobre Lakatos. In: Lakatos, I. Historia de las ciencias y sus reconstrucciones racionales. Madrid : Tecnos, 1987.

. Reflexões sobre os meus críticos. In: Lakatos, I & Musgrave, A. A crítica e o desenvolvimento do conhecimento. São Paulo : Editora Cultrix/Editora da Universidade de São Paulo, 1979.
Lakatos, I. Historia de las ciencias y sus reconstrucciones racionales. Madrid : Tecnos, 1987a.

. O falseamento e a metodologia dos programas de pesquisa. In: Lakatos, I. & Musgrave, A. A crítica e o desenvolvimento do conhecimento. São Paulo : Editora Cultrix/Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

. Respuestas a las criticas. In: Historia de las ciencias y sus reconstrucciones racionales. Madrid : Tecnos, 1987b.

Popper, K. A lógica da pesquisa científica. São Paulo : Editora Cultrix / Editora da Universidade de São Paulo, 1975a.

. Conhecimento objetivo. Belo Horizonte : Editora Itatiaia / São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1975b.

Anna Carolina Krebs Pereira Regner

Professora do Departamento de Filosofia
do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

XXI Encontro Anual da ANPOCS